

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**A RELAÇÃO ENTRE AS DIMENSÕES DA VERSÃO
BREVE DO PID-5 E OS FACTORES DO NEO-FFI NA
POPULAÇÃO GERAL**

Sara Isabel do Nascimento Santana Martins

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica)

2018

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**A RELAÇÃO ENTRE AS DIMENSÕES DA VERSÃO
BREVE DO PID-5 E OS FACTORES DO NEO-FFI NA
POPULAÇÃO GERAL**

Sara Isabel do Nascimento Santana Martins

Dissertação orientada pelo Prof. Doutor Bruno Gonçalves

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica)

2018

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Bruno Gonçalves, que sempre considerei uma referência. Obrigada pelo tempo e cuidado que dedicou à orientação deste trabalho.

À minha mãe, símbolo de independência e coragem, obrigada, obrigada, obrigada! Toda a família agradece à matriarca por segurar o barco quando a tripulação resolve amotinar-se. E agradecemos o amor com que devolve cada coisa ao seu lugar. Obrigada pela formação, educação, amizade e pelo sentido de humor. Obrigada por tudo, mãe!

Aos avós Santana, que possamos ser um legado que vos orgulhe.

À Filipa, companheira de infância e de vida. Vou lembrar-nos sempre, pequeninas, a comer sopa em casa dos avós, no final de um dia quente de Verão.

À Caterina e ao Francesco, cuja inocência me faz revisitar lugares esquecidos durante a adultícia. A estas, e a todas as crianças, que saibamos respeitar o seu direito à infância e valorizar os seus ensinamentos, oriundos de um lugar feito de algodão doce e pintarolas.

Aos meus amigos, obrigada pela incondicionalidade.

“Não saibas: imagina...

Deixa falar o mestre, e devaneia...

A velhice é que sabe, e apenas sabe

Que o mar não cabe

Na poça que a inocência abre na areia.

Sonha!

Inventa um alfabeto

De ilusões...

Um a-bê-cê secreto

Que soletres à margem das lições...

Voa pela janela
De encontro a qualquer sol que te sorria!
Asas? Não são precisas:
Vais ao colo das brisas,
Aias da fantasia...”

(“Instrução Primária”; Miguel Torga)

RESUMO

O *Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais-Quinta edição (DSM-5; APA, 2013)* inclui, na Secção III, um modelo dimensional-categorial híbrido, desenvolvido para conceptualizar e avaliar as Perturbações da Personalidade (PPs). Foram adicionados dois novos critérios de diagnóstico, no sentido de avaliar défices no funcionamento da personalidade (A) e traços de personalidade maladaptativos (B). O critério B) é medido através do *Inventário da Personalidade para o DSM-5 (PID-5)*, que é a um instrumento de auto-relato que pode assumir três formas: longa (original), reduzida e breve. O modelo de traços maladaptativos, retratado pela forma longa do PID-5, tem sido teórica e empiricamente associado ao modelo dos Cinco Factores, sendo este operacionalizado através do NEO-FFI. O objectivo do presente estudo foi explorar as associações entre a Versão Breve do PID-5 e o NEO-FFI, numa amostra normativa portuguesa ($N = 338$). A forma breve do PID-5 contém 25 itens e cinco domínios de traço: Afectividade Negativa, Desprendimento, Antagonismo, Desinibição e Psicoticismo. O NEO-FFI também produz cinco domínios: Neuroticismo, Extroversão, Abertura à Experiência, Amabilidade e Conscienciosidade. Os resultados indicaram correlações estatisticamente significativas entre a forma breve do PID-5 e o NEO-FFI. Todas as associações domínio-domínio previstas foram estatisticamente significativas, com a Afectividade Negativa-Neuroticismo ($r = .53$) e o Desprendimento-Extroversão ($r = -.50$) a mostrarem os efeitos mais fortes. Foram encontrados efeitos moderados para Desprendimento-Neuroticismo ($r = .46$); Antagonismo-Amabilidade ($r = -.45$); Psicoticismo-Neuroticismo ($r = .44$), e Desinibição-Conscienciosidade ($r = -.43$). O Psicoticismo e a Abertura à experiência apresentam uma correlação estatisticamente significativa, ainda que fraca ($r = .12$). Globalmente, os dados sugerem convergência entre o modelo de traços maladaptativos e o modelo FFM. Não obstante, é necessário conduzir mais estudos que permitam compreender melhor o desempenho da forma breve nos campos da investigação e da clínica.

Palavras-Chave: DSM-5, Modelo dos Cinco Factores, NEO-FFI, Perturbações da Personalidade, PID-5, PID-5 forma breve

ABSTRACT

The *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders-Fifth edition (DSM-5; APA, 2013)* includes, in Section III, a hybrid dimensional-categorical model developed to conceptualize and assess Personality Disorders (PDs). Two novel diagnostic criteria were added in order to evaluate impairments in personality functioning (A) and maladaptive personality traits (B). Criterion B) is measured through *Personality Inventory for DSM-5 (PID-5)*, which is a self-report instrument that can assume three forms: long (original), short and brief. The maladaptive trait model portrayed by PID-5's long form has been theoretical and empirically associated with Five-Factor Model, which is operationalized through NEO-FFI. The goal of the present study was to explore associations between PID-5 Brief Version and NEO-FFI in a normative portuguese sample ($N = 338$). PID-5 brief form contains 25 items and five trait domains: Negative Affectivity, Detachment, Antagonism, Disinhibition, and Psychoticism. NEO-FFI also produces five domains: Neuroticism, Extraversion, Openness to Experience, Agreeableness and Conscientiousness. Results indicated statistically significant correlations between PID-5 brief form and NEO-FFI. All predicted domain-domain associations were statistically significant, with Negative Affectivity-Neuroticism ($r = .53$) and Detachment-Extraversion ($r = -.50$) showing the largest effect sizes. Medium effects were found for Detachment-Neuroticism ($r = .46$); Antagonism-Agreeableness ($r = -.45$); Psychoticism-Neuroticism ($r = .44$), and Disinhibition-Conscientiousness ($r = -.43$). Psychoticism and Openness to Experience showed a statistically significant correlation, although weak ($r = .12$). Overall, outcomes suggest convergence between maladaptive trait model and FFM model. Nevertheless, further studies must be conducted to better understand brief's form performance in research and clinical fields.

Keywords: DSM-5, Five-Factor Model, NEO-FFI, Personality Disorders, PID-5, PID-5 brief form

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1: ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	3
1.1 O surgimento e evolução das perturbações de personalidade e dos traços de personalidade no DSM.....	3
1.2 O Modelo de Cinco Factores e a sua relevância para as Perturbações de Personalidade – Uma contextualização histórica.....	9
1.3 O Modelo Alternativo do DSM-5 para as perturbações da Personalidade (APA, 2013)	13
1.4 Convergência entre o FFM e o PID-5 – O Estado da Arte	15
1.5 Divergências entre os modelos? O caso do Psicoticismo e da Abertura à Experiência	17
1.6 A Versão Breve do PID-5 – O Estado da Arte	18
CAPÍTULO 2: OBJECTIVOS E HIPÓTESES.....	20
2.1 Objectivos	20
2.2 Hipóteses.....	21
CAPÍTULO 3: MÉTODO	23
3.1 Participantes.....	23
3.2 Instrumentos de medida	24
3.2.1 Questionário Sociodemográfico	24
3.2.2 Versão Portuguesa do NEO-FFI (Lima & Simões, 2000)	24
3.2.3 Inventário de Personalidade para o DSM-5 (PID-5) – Adultos (Versão Breve) (Versão Experimental Portuguesa; Pires et al., 2014).....	25
3.3 Procedimento de recolha da amostra	27
3.4 Procedimento estatístico	28
CAPÍTULO 4: RESULTADOS.....	29
4.1 Caracterização dos resultados nos Factores do NEO-FFI	29
4.2 Caracterização dos resultados nas Dimensões e Total da Versão Breve do PID-5 ...	30
4.3 Correlações de <i>Pearson</i> entre as Dimensões e Total da Versão Breve do PID-5 e os Factores do NEO-FFI	31
CAPÍTULO 5: DISCUSSÃO	33
CONCLUSÃO.....	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1.1. <i>Dimensões e facetas do FFM e respectivas definições.....</i>	10
Quadro 1.2. <i>Domínios e facetas dos traços maladaptativos de personalidade do PID-5.....</i>	14
Quadro 3.1. <i>Características sociodemográficas dos participantes, frequências relativas (%); frequências absolutas (n) (N=338).....</i>	23
Quadro 3.2. <i>Consistência interna (α) das 5 dimensões do PID-5.....</i>	26
Quadro 3.3. <i>Consistência interna (α) das dimensões do PID-5 nas formas longa e breve.....</i>	27
Quadro 4.1. <i>Médias, desvios-padrão, mínimos e máximos dos resultados obtidos nos factores do NEO-FFI (N= 338).....</i>	29
Quadro 4.2. <i>Médias, desvios-padrão, valores mínimos e máximos dos resultados médios padronizados obtidos nas dimensões e total da Versão Breve do PID-5 (N= 338)</i>	30
Quadro 4.3. <i>Correlações de Pearson entre as dimensões e total da Versão Breve do PID-5 e os factores do NEO-FFI (N = 338)</i>	31

INTRODUÇÃO

O DSM é um manual de relevância incontestável no campo da saúde mental. Por se constituir enquanto uma referência para os profissionais e estudantes desta área, as directrizes que estabelece são muito importantes (APA, 2013). Este compêndio acompanhou a evolução dos tempos, num percurso que teve início em 1952.

Em 1980 o DSM-III introduz uma distinção formal entre traços de personalidade e perturbações de personalidade. Sem que o pretendesse, chama à atenção da comunidade científica para a insuficiência dos sistemas categoriais de classificação (Coolidge & Segal, 1998; Costa & Widiger, 1994).

As limitações apontadas às categorias diagnósticas propostas pelo DSM-IV-TR (Coolidge & Segal, 1998; Trull & Durret, 2005; Trull & Widiger, 2013), juntamente com o acumular de suporte empírico relativamente às potencialidades do modelo dos Cinco Factores (*Five Factor Model*: FFM; Costa & McCrae, 1990/1992b; Costa & Widiger, 2012) em termos da compreensão da personalidade normal e patológica, contribuíram para a mudança de paradigma, introduzida pelo DSM-5 (APA, 2013; Costa & McCrae, 1990; Haigler & Widiger, 2001; Wiggins & Pincus 1989). Deste modo, na Secção III do DSM-5 é apresentado um modelo híbrido, com características dimensionais e categoriais, sendo proposto o PID-5 (Krueger, Derringer, Markon, Watson, & Skodol, 2012) para a avaliação dos traços maladaptativos da personalidade. Este instrumento é constituído 25 facetas específicas de traços que, tendendo a ocorrer em conjunto (estrutura hierárquica), compõem 5 dimensões da personalidade (Afectividade Negativa, Desprendimento, Antagonismo, Desinibição e Psicoticismo) (APA, 2013). O PID-5 está disponível na sua forma original (longa), reduzida e breve.

O FFM é um modelo compreensivo de avaliação da personalidade normativa. Compreende 5 factores (Neuroticismo, Extroversão, Abertura à Experiência, Amabilidade e Conscienciosidade) e, dependendo da sua operacionalização, também inclui facetas de traços (e.g., NEO-PI-R; Costa & McCrae, 1992c). Alguns estudos, que exploram o modelo de traços maladaptativos da personalidade e o modelo FFM, apontam para a convergência entre os mesmos (e.g., Thomas et al., 2012), outros evidenciam a dificuldade de associação entre certas dimensões e factores, como sendo o caso do Psicoticismo e da Abertura à

Experiência (e.g., Pires et al., 2017). Posto isto, são necessários mais estudos que, como este, procurem compreender o comportamento daquelas variáveis.

A pertinência da presente investigação advém da escassez de estudos empíricos, nacionais e estrangeiros, que utilizam a versão breve do PID-5 e o NEO-FFI. Os objectivos deste trabalho prendem-se com a averiguação da relação entre as dimensões e os factores dos instrumentos adoptados. Pretende-se contribuir para produção de literatura Portuguesa, bem como averiguar se as associações (eventualmente) encontradas na forma breve são semelhantes às encontradas na forma original.

A presente dissertação está organizada em cinco capítulos. O Enquadramento Teórico (Capítulo 1) revê a literatura pertinente para a temática em estudo. No Capítulo 2 são elaborados os objectivos e hipóteses para investigação. No Método (Capítulo 3) procede-se à caracterização dos participantes, descrição dos instrumentos de medida, definição do procedimento de recolha da amostra e definição do procedimento estatístico. O Capítulo 4 (Resultados) apresenta os resultados obtidos no estudo, relativos aos factores do NEO-FFI, às dimensões e total da versão breve PID-5 – Adultos, e às correlações de *Pearson* entre ambos os instrumentos. No Capítulo 5 discutem-se os resultados obtidos, expõem-se os contributos do estudo e sugerem-se futuras investigações. É, ainda, desenvolvida uma Conclusão onde se sumariza o presente trabalho.

CAPÍTULO 1: ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Diferentes tradições teóricas distinguem-se nos princípios explicativos da personalidade humana, nas unidades estruturais que consideram estar na base da individualidade, e nos fundamentos do desenvolvimento e mudança da personalidade (McAdams & Pals, 2006). Por conseguinte, as hipóteses geradas e os programas de investigação desenhados também são distintos. Talvez a maior limitação da pluralidade de abordagens resida na dificuldade de reunião de consenso face ao conceito de personalidade. Quem com diferentes tradições teóricas se depara, terá que escolher a escola que lhe fará mais sentido – um processo de decisão com base num julgamento idiossincrático e parcial (McAdams & Pals, 2006).

1.1 O surgimento e evolução das perturbações de personalidade e dos traços de personalidade no DSM

O *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorder* (DSM) é um compêndio desenvolvido pela APA (*American Psychiatric Association*), relativo à patologia psiquiátrica e aos critérios de diagnóstico da mesma, com sucessivas revisões nos últimos 60 anos. Ao fornecer uma linguagem comum aos profissionais que actuam na área da saúde mental, constitui-se como uma referência (APA, 2013).

A primeira edição do DSM inicia a tradição do diagnóstico categórico das perturbações da personalidade, sendo o primeiro manual oficial a conter um glossário de descritores de categorias de diagnóstico (APA, 1952). As perturbações da personalidade são apresentadas enquanto entidades únicas e separadas de diagnóstico (Coolidge & Segal, 1998). Caracterizadas como defeitos de desenvolvimento ou tendências patológicas na estrutura da personalidade, cujo padrão de manifestação persiste no tempo, as perturbações de personalidade surgem em três secções separadas, sendo 12 no total (APA, 1952). As principais críticas dirigidas a esta edição do DSM (APA, 1952), dizem respeito à falta de critérios essenciais de diagnóstico, bem como à insuficiência de suporte empírico que substancie as perturbações propostas (Coolidge & Segal, 1998).

No DSM-II (APA, 1968) são mantidas 7 perturbações de personalidade da edição anterior, eliminadas 4 e acrescentadas 3 novas perturbações. Também é introduzida a ideia de que as perturbações de personalidade são reconhecíveis na adolescência ou

anteriormente (APA, 1968). O DSM-II não foi capaz de responder às críticas da primeira edição, permanecendo a ausência de suporte empírico e a insuficiência dos critérios essenciais de diagnóstico (Coolidge & Segal, 1998). Continuava por explicar, ainda, em que medida a cronicidade (apontada às perturbações) era influenciada pelo curso de vida do indivíduo ou pelo tipo específico de perturbação (Coolidge & Segal, 1998).

Na terceira edição do DSM (DSM-III, APA, 1980) há um reconhecimento da importância do diagnóstico, tanto para a prática clínica quanto para a investigação, que se traduziu no esforço do desenvolvimento de uma linguagem comum, promotora da comunicação de informação entre os utilizadores do manual. A grande preocupação ateorética, no que diz respeito à etiologia, presente nesta edição, é uma das várias tentativas de alcançar este objectivo (APA, 1980).

De modo geral, o DSM-III representa um salto qualitativo em relação às edições anteriores (APA, 1980). Por exemplo, é apresentada uma abordagem multiaxial de avaliação com 5 Eixos, na qual as patologias são descritas com maior cuidado. Pela primeira vez são estabelecidos critérios de diagnóstico (APA, 1980). As perturbações de personalidade (11 no total e organizadas em 3 clusters), arrumadas no Eixo II, constituem-se enquanto entidades nosológicas separadas dos restantes síndromes clínicos (APA, 1980). Não obstante, o facto do diagnóstico de perturbação de personalidade poder coexistir com o diagnóstico de outras patologias, terá promovido a ocorrência de diagnósticos múltiplos (Coolidge & Segal, 1998).

Para o presente trabalho importa muito a distinção formal, introduzida pelo DSM-III, entre traços de personalidade e perturbações de personalidade:

Personality *traits* are enduring patterns of perceiving, relating to, and thinking about the environment and oneself, and are exhibited in a wide range of important social and personal contexts. It is only when *personality traits* are inflexible and maladaptive and cause either significant impairment in social or occupational functioning or subjective distress that they constitute *Personality Disorders*. The manifestations of Personality Disorders are generally recognizable by adolescence or earlier and continue throughout most of adult life, though they often become less obvious in middle or old age (APA, 1980, p. 305).

Ainda que o DSM-III tenha contribuído para o acréscimo de literatura na temática das perturbações da personalidade, continha problemas teóricos e metodológicos, impossíveis de serem ignorados (Costa & Widiger, 1994). Pretendia-se que os critérios do

Eixo II classificassem os pacientes em entidades diagnósticas categóricas e mutuamente exclusivas, e assistia-se a um aumento da comorbilidade, o que evidenciava a redundância e falta de validade de construto das 11 categorias diagnósticas propostas pelo manual (Costa & Widiger, 1994). Uma forma de solucionar os problemas enumerados passaria pela substituição de dimensões discretas por dimensões contínuas (Costa & Widiger, 1994). Estava em causa, portanto, saber se a abordagem categorial seria a mais adequada para a exploração destas patologias ou se, diferentemente, era mais apropriado explorar-se a possibilidade da adopção de um modelo dimensional na avaliação de traços e personalidade patológica (Wiggins & Pincus 1989).

A quarta edição do DSM (APA, 1994) preserva o sistema multiaxial, sendo as perturbações de personalidade (10 no total) encontradas no Eixo II, juntamente com o atraso mental (APA, 1994). A proximidade entre os traços de personalidade e as perturbações de personalidade torna-se ainda mais evidente neste manual, com uma atenção dada aos traços cada vez maior (APA, 1994). São introduzidas 6 características gerais de diagnóstico das perturbações da personalidade, sendo que os critérios específicos para cada uma se encontram ordenados por importância decrescente (APA, 1994). A informação empírica, relativamente a cada categoria diagnóstica, foi aumentada em relação às edições anteriores (APA, 1994).

No DSM-IV surge uma necessidade de justificar a utilização do sistema de diagnóstico categorial. Neste sentido, a APA (1994) refere que a enumeração de categorias é o método tradicional de organizar e transmitir informação no quotidiano e que corresponde à abordagem fundamental utilizada em todos os sistemas de diagnóstico médico (APA, 1994). Admite, porém, que um sistema categorial funciona melhor quando todos os membros da classe de diagnóstico são homogéneos, quando as classes são mutuamente exclusivas e quando existem barreiras bem definidas entre as classes. Não assume, no entanto, que sujeitos com a mesma perturbação mental sejam iguais em todas as características importantes. Avança que apesar dos sistemas dimensionais aumentarem a confiança e transmitirem mais informação clínica, são muito menos familiares e vívidos, quando comparados com os categoriais. Para além disso, não há acordo quanto à escolha de dimensões óptimas a integrar para fins de classificação (APA, 1994).

A revisão do DSM-IV-TR (APA, 2000) introduz alterações referentes à correcção de gralhas tipográficas, à uniformização da nomenclatura e à revisão de certas designações.

Nesta edição agravam-se as críticas (já levantadas em edições anteriores) relativas à presença de critérios politéticos (o indivíduo apenas tem que apresentar um subconjunto de itens de uma lista maior), que obrigam à adopção de um ponto de corte para o diagnóstico da perturbação mental (Trull & Durrett, 2005). Isto resulta numa enorme heterogeneidade de diagnósticos, uma vez que dois indivíduos com a mesma perturbação podem partilhar muitos ou quase nenhum critério de diagnóstico. (Trull & Durrett, 2005). Para além do cariz problemático das categorias de diagnóstico do DSM-IV-TR, aumenta o suporte empírico relativo às vantagens da inclusão de um modelo dimensional na avaliação das perturbações da personalidade (Trull & Widiger, 2013).

Em resposta às críticas, a APA (2000) tem necessidade de reforçar que adopta a perspectiva categorial, através da qual as perturbações da personalidade são representadas enquanto síndromes clínicas qualitativamente distintas, mas que diversos esforços têm sido realizados no sentido de identificar a dimensão mais fundamental que congregue a totalidade do funcionamento da personalidade normal e patológica (APA, 2000). Por exemplo, através de um modelo de cinco dimensões, sendo elas: Neuroticismo, Introversão *versus* Extroversão; Afastamento *versus* Abertura à Experiência; Oposição *versus* Consensualidade, e Conscienciosidade (APA, 2000). Outro modelo incluía 15-40 dimensões em áreas mais específicas de disfunção da personalidade (e.g., reactividade afectiva, impulsividade, egocentrismo). Continua, dizendo que podem ser vistos enquanto dimensões representativas de espectros de disfunção da personalidade, num *continuum* com as perturbações mentais do Eixo I, os grupos de perturbações da personalidade bizarro-excêntrico, dramático-emocional e ansioso-medroso. Concluía afirmando que os modelos dimensionais alternativos, no que dizia respeito à sua utilidade clínica, relação com as perturbações de personalidade e possível integração, estavam a ser afincadamente estudados (APA, 2000).

O DSM-5 é o produto de um enorme esforço colectivo ao longo de 12 anos de trabalho (APA, 2013). Este manual não deixa cair a classificação categorial das perturbações da personalidade (Secção II), mas reconhece o carácter problemático destas categorias (e.g., artificialidade; comorbilidade). A sua grande inovação corresponde à introdução de um sistema de classificação híbrido, na Secção III (“medidas e modelos emergentes”) (APA, 2013). Na edição anterior, os traços de personalidade patológicos são considerados mas não se constituem enquanto uma perturbação da personalidade formal, dada a inexistência de um modelo específico de conceptualização dos mesmos (Krueger et

al., 2012). Nessa medida, os traços surgem apenas enquanto características das 10 perturbações da personalidade consideradas (Krueger et al., 2012).

Na quinta edição do DSM (APA, 2013), para que exista perturbação da personalidade, é necessário verificarem-se défices no *funcionamento* da personalidade e a presença de *traços* de personalidade patológicos (APA, 2013). A *personalidade* é entendida como um padrão de percepção, relação e pensamento sobre o meio ambiente e sobre o próprio indivíduo. Já os *traços de personalidade* são vistos enquanto uma disposição para o indivíduo se comportar ou sentir de certo modo.

A avaliação do funcionamento da personalidade e dos traços de personalidade patológicos permite um enquadramento à restante patologia, o que justifica a pertinência da sua realização (APA, 2013). São 7 os critérios gerais para a caracterização das perturbações da personalidade, correspondendo os dois primeiros a uma inovação desta edição (APA, 2013).

O critério A) corresponde ao *défice* moderado ou superior de *funcionamento da personalidade* e é averiguado através da Escala de Nível de Funcionamento da Personalidade (LPFS – *Level of Personality Functioning Scale*). Esta escala avalia, num contínuo, o *núcleo de psicopatologia da personalidade* – caracterizado por alterações no funcionamento próprio (Identidade e Autodireção) e interpessoal (Empatia e Intimidade). Os resultados na LPFS podem expressar-se em cinco níveis de défices – nível 0 (pouco ou nenhum défice); nível 1 (até algum défice); nível 2 (défice moderado); nível 3 (grave) e nível 4 (extremo) (APA, 2013).

B) Um ou mais traços de personalidade patológicos, avaliados através do Inventário da Personalidade do DSM-5 (PID-5; Krueger et al., 2012) (ver Quadro 1.2)

C) Em variadas situações pessoais ou sociais, os *défices no funcionamento da personalidade* e a expressão dos *traços de personalidade* manifestam-se de modo consideravelmente inflexível e invasivo. Isto não significa que se negue a possibilidade um certo grau de adaptabilidade, excepto no caso das personalidades no extremo da patologia (APA, 2013).

D) A expressão dos traços de personalidade e os défices no funcionamento da personalidade são relativamente estáveis no tempo, tendo início na adolescência ou começo da vida adulta (APA, 2013).

E) Não existe outra perturbação mental que melhor explique os défices no funcionamento da personalidade e a expressão dos traços de personalidade (APA, 2013).

F) O uso de substâncias (e seus efeitos fisiológicos) ou outra condição médica não podem ser explicação única para os défices no funcionamento da personalidade e a expressão dos traços de personalidade (APA, 2013).

G) O contexto sociocultural do indivíduo e o estágio de desenvolvimento em que se encontra não permitem que os défices no funcionamento da personalidade e a expressão dos traços de personalidade sejam considerados “normais” (APA, 2013).

Na secção III encontram-se os critérios de diagnóstico para 6 tipos de perturbações da personalidade: perturbação anti-social da personalidade; perturbação evitante da personalidade; perturbação estado-limite da personalidade; perturbação narcísica da personalidade; perturbação obsessivo-compulsiva da personalidade e perturbação esquizotípica da personalidade. Pode, ainda, ser realizado o diagnóstico da perturbação da personalidade com traço especificado quando se está na presença de uma perturbação da personalidade mas não se cumprem os critérios para uma perturbação específica (APA, 2013).

Por vezes a perturbação da personalidade pode ser melhor explicada por outra perturbação mental. Se as manifestações da perturbação da personalidade constituírem uma expressão nítida de outra perturbação mental, o diagnóstico da perturbação da personalidade não deve ser feito (e.g., quando as características da perturbação esquizotípica da personalidade acontecem apenas em contexto de esquizofrenia). Não obstante, há situações em que as perturbações da personalidade podem (e devem) ser diagnosticadas na presença de outra perturbação mental (comorbilidade), indagando-se o impacto das primeiras nas segundas, como no caso da perturbação depressiva major (APA, 2013).

1.2 O Modelo de Cinco Factores e a sua relevância para as Perturbações de Personalidade – Uma contextualização histórica

A proposta da adopção de um modelo dimensional de avaliação da personalidade é feita na terceira edição do DSM-III (APA, 1980), em reacção às categorias diagnósticas introduzidas pelo manual (e.g., Costa & Widiger, 1994). O modelo dos Cinco Factores (Costa & McCrae, 1990/1992b; Costa & Widiger, 2012), pelo seu carácter compreensivo, é avançado como um candidato à posição (Costa & Widiger, 1994; Widiger & Frances, 1994). Este modelo corresponde a uma taxonomia, na qual os traços de personalidade são organizados hierarquicamente em cinco amplas dimensões básicas, sendo elas: Extroversão (N); Amabilidade (A), Conscienciosidade (C); Neuroticismo (N) e Abertura à experiência (O) (Costa, McCrae & Dye, 1991; Costa & McCrae, 1992a/1992b/1992c; Costa & Widiger, 2012). O Quadro 1.1 sintetiza os aspectos mais importantes do modelo de Cinco Factores.

Quadro 1.1. *Dimensões e facetas do FFM e respectivas definições.*

Dimensões	Facetas	Definição
Neuroticismo (N)	Ansiedade (N1)	Relacionado com a tendência para a expressão de emoções negativas (e.g., medo, tristeza, culpa, raiva, vergonha).
	Hostilidade (N2)	
	Depressão (N3)	
	Autoconsciência (N4)	
	Impulsividade (N5)	
	Vulnerabilidade (N6)	
Extroversão (E)	Acolhimento caloroso (E1)	Dimensão primária do comportamento interpessoal, relacionada com a quantidade de estimulação social.
	Gregariedade (E2)	
	Assertividade (E3)	
	Actividade (E4)	
	Procura de Excitação (E5)	
	Emoções Positivas (E6)	
Abertura à Experiência (O)	Fantasia (O1)	É a dimensão mais desconhecida e controversa. Para alguns autores poderia ser chamada de “Intelecto”. Remete para a curiosidade intelectual, independência de julgamento, imaginação activa e sensibilidade estética.
	Estética (O2)	
	Sentimentos (O3)	
	Ações (O4)	
	Ideias (O5)	
	Valores (O6)	
Amabilidade (A)	Confiança (A1)	Dimensão primária do comportamento interpessoal, associada à qualidade da interacção social. Remete para o tipo de interacção preferida num contínuo entre compaixão/agradabilidade e antagonismo/egocentrismo. Influencia a auto-imagem do sujeito e ajuda a moldar atitudes sociais e filosofias de vida.
	Rectidão (A2)	
	Altruísmo (A3)	
	Complacência (A4)	
	Modéstia (A5)	
	Sensibilidade (A6)	
Conscienciosidade (C)	Competência (C1)	Implica movimento e foco, dando a ideia de direcção. Relaciona-se com a autodisciplina na capacidade de planeamento, organização, persistência e concretização de tarefas.
	Ordem (C2)	
	Obediência ao Dever (C3)	
	Esforço de Realização (C4)	
	Auto-disciplina (C5)	
	Deliberação (C6)	

Fontes: Barros & Marques, 1999; Costa & McCrae, 1990; Costa et al., 1991; Costa & McCrae, 1992a/1992b/1992c; Costa & Widiger, 2012.

O desenvolvimento do FFM foi sobretudo empírico, através dos termos que, em diferentes línguas, se referiam aos traços. De acordo com o *paradigma lexical*, será codificado, através da linguagem, o que for mais significativo para o Homem (Trull & Widiger, 2013). A linguagem acompanha a humanidade e constitui-se como um arquivo de

todas as suas observações. Deste modo, os domínios de personalidade mais importantes conterão o maior número de termos que descrevem e diferenciam as variações de um traço em particular, pelo que a estrutura da personalidade será visível através das relações empíricas entre esses termos referentes aos traços (Trull & Widiger, 2013).

O modelo dos Cinco Factores encontra uma solução “simples” e eficaz para a compreensão da relação entre os traços, sendo a resposta mais aceite perante a dificuldade da descrição dos mesmos (McCrae & Costa, 2008). Sob o ponto de vista conceptual, revê e reorganiza diferentes constructos, oriundos de diferentes linhas de investigação e integra-os com recurso à estatística, possibilitando uma linguagem comum no campo da personalidade (Goldberg, 1993; McAdams & Pals, 2006).

Punha-se a questão, contudo, se o recurso a modelos e métodos da investigação acerca da personalidade normativa era capaz de trazer compreensão aos problemas psiquiátricos e psicopatológicos, particularmente às perturbações mentais (Costa & Widiger, 1994). Tradicionalmente consideram-se separados os campos da psicologia “normal” e “patológica”. Esta aparente dicotomia é ilógica para os psicólogos que adoptam uma perspectiva de traços, uma vez que as diferenças individuais são vistas como distribuídas num *continuum*. Assim sendo, é pertinente a abstracção de que diferentes formas de psicopatologia possam estar relacionadas com variações “normais” nas disposições básicas da personalidade (Costa & Widiger, 1994).

Sob o ponto de vista prático, era necessário explorar a viabilidade desta proposta, através de investigação empírica. Os estudos teriam que socorrer-se dos instrumentos que operacionalizavam o modelo do FFM, sendo eles: *NEO Personality Inventory* (NEO-PI; Costa & McCrae, 1985/1992a); *Revised NEO Personality Inventory* (NEO-PI-R; Costa & McCrae, 1992c); *NEO-Five Factor Inventory* (NEO-FFI; Costa & McCrae, 1989).

Um estudo pioneiro é desenvolvido por Wiggins e Pincus (1989), à data da terceira edição do DSM (APA, 1980). Utilizaram, como instrumentos de medida, o NEO-PI (Costa & McCrae, 1985/1992a), o *Minnesota Multiphasic Personality Inventory* (MMPI; Morey, Waugh, & Blashfiel, 1985), que explora as 11 perturbações da personalidade descritas no DSM-III, e o *Personality Adjective Checklist* (PACL; Strack, 1987), que também mede perturbação da personalidade. Os resultados encontrados pelos autores demonstram uma forte associação entre as perturbações da personalidade e os traços patológicos do FFM, numa amostra de estudantes universitários (Wiggins & Pincus 1989).

Outro estudo precursor, da autoria de Costa e McCrae (1990), recorre a uma amostra mais representativa da população, com um alargamento considerável da faixa etária dos participantes, não obstante a dimensão da amostra ser consideravelmente menor que a do estudo anterior. O modelo do FFM, operacionalizado através do NEO-PI (Costa & McCrae, 1985/1992a), é comparado com dois instrumentos de avaliação da perturbação de personalidade, sendo eles o MMPI (Morey et al., 1985) e o *Millon Clinical Multiaxial Inventory*; (MCMI; Millon, 1983). Os resultados reforçam o carácter compreensivo do modelo, que não só é cumpre o propósito de avaliação da personalidade normal, como também se correlaciona, em termos globais, com as dimensões patológicas subjacentes a variados instrumentos que operacionalizam as perturbações da personalidade (Costa & McCrae, 1990). Posto isto, concluem os autores, a diferença entre personalidade normal e patológica não estaria nas dimensões básicas da personalidade, *i.e.*, nos cinco factores. Se os indivíduos com perturbações da personalidade mostram variantes de traços familiares, então é necessário compreender o que faz com que essas variantes se tornem patológicas (Costa & McCrae, 1990).

Na continuidade da exploração das potencialidades do FFM, Haigler e Widiger (2001) invertem os itens do NEO-PI-R, no sentido de perceber a maladaptatividade dos mesmos, sem contudo, alterar o seu conteúdo. Para cumprir estes objectivos, desenvolvem uma versão experimentalmente manipulada do NEO-PI-R, a EXP-NEOPIR (Haigler & Widiger, 2001). Os itens eram invertidos depois de compreendida a sua direcção (adaptação *versus* desadaptação). Por exemplo, o item da Conscienciosidade “*Eu mantenho os meus pertences arrumados e limpos*” do NEO-PI-R era substituído por “*Eu mantenho os meus pertences excessivamente arrumados e limpos*” no EXP-NEOPIR. Foram exploradas as correlações entre a versão experimental EXP-NEOPIR (Haigler & Widiger, 2001) e o NEO-PI-R, e com outros instrumentos de medida, nomeadamente *Minnesota Multiphasic Personality Inventory-2 Personality Disorder scales* (MMPI-2; Cooligan, Morey, & Offord, 1994). Os resultados mostraram que o NEO-PI-R é uma boa medida de variantes maladaptativas relativas ao elevado Neuroticismo e Antagonismo e à baixa Extroversão, Abertura à Experiência e Conscienciosidade. Assim sendo, reforça-se novamente a hipótese de que as perturbações da personalidade representam variantes maladaptativas de traços da personalidade normal (Haigler & Widiger, 2001).

Como mostrado pelos estudos acima referidos, as evidências empíricas quanto às vantagens da inclusão de um modelo dimensional na avaliação dos traços patológicos da

personalidade começaram logo após a terceira edição do DSM-III (APA, 1980). Em 2013 surge finalmente uma resposta a esta necessidade, através da introdução do PID-5 (Krueger et al., 2012) na quinta edição do DSM (APA, 2013).

1.3 O Modelo Alternativo do DSM-5 para as perturbações da Personalidade (APA, 2013)

O PID-5 (Krueger et al., 2012) é um instrumento que operacionaliza o modelo de traços patológicos referentes ao critério B do diagnóstico de perturbações da personalidade (APA, 2013). É constituído por 5 domínios de personalidade (dimensões alargadas dos traços) e 25 facetas específicas de traços de personalidade (escolhidas devido à sua relevância clínica). Os domínios aglutinam um espectro de facetas que tendem a ocorrer em conjunto (*estrutura hierárquica*) e apresentam uma consistência transcultural (considerável) superior à das facetas (APA, 2013). Existe uma *dimensionalidade* patente nos traços de personalidade, uma vez que todos sujeitos se localizam no espectro de dimensões de traços, variando entre si em termos de grau. No pólo oposto aos traços de personalidade patológicos encontrem-se traços saudáveis, resilientes e adaptativos, traduzindo-se esta polarização em Afectividade Negativa *versus* Estabilidade Emocional, Desprendimento *versus* Extroversão, Antagonismo *versus* Agradabilidade, Desinibição *versus* Consciencialização e Psicoticismo *versus* Lucidez (APA, 2013). Os traços são mais consistentes que os sintomas e comportamentos, mas não são imutáveis: “Um traço é uma tendência ou disposição para comportamentos específicos; um comportamento específico é uma instância ou uma manifestação de um traço” (APA, 2014, p.922). O Quadro 1.2 descreve os domínios e facetas de personalidade, propostos pelo PID-5 (Krueger et al., 2012; APA, 2013).

Quadro 1.2. Domínios e facetas dos traços maladaptativos de personalidade do PID-5.

Domínios	Facetas	Definição
Afectividade Negativa	Ansiedade Labilidade emocional Hostilidade Perseveração Afetividade restrita (ausência de) Insegurança de separação Submissão	Experiência intensa e frequente de níveis elevados numa ampla gama de emoções negativas (e.g., ansiedade, depressão, raiva, preocupação, culpa, vergonha) e respectivas manifestações comportamentais (auto-agressão) e interpessoais (e.g., dependência)
Desprendimento	Anedonia Depressividade Evitamento de intimidade Suspeição Afastamento	Evitamento de experiências socioemocionais e afastamento de interações pessoais. Expressão e experiência afectiva restritas. Capacidade hedónica limitada
Antagonismo	Procura de atenção Insensibilidade Falsidade Grandiosidade Manipulação	Comportamento de desacordo com o próximo. Antipatia insensível (ausência de consciência das necessidades e sentimentos dos outros e prontidão no usufruto dos outros para aperfeiçoamento próprio). Sentido exacerbado de auto-importância. Expectativa de tratamento especial.
Desinibição	Distratibilidade Impulsividade Irresponsabilidade Perfeccionismo rígido (ausência de) Envolvimento em comportamentos de risco	Comportamentos impulsivos alheios a consequências futuras. Orientação para a gratificação imediata.
Psicoticismo	Excentricidade Desregulação cognitiva e perceptual Crenças e experiências incomuns	Cognições e comportamentos incomuns, estranhos e dissonantes da cultura em que a pessoa se insere, quer em termos de conteúdo (e.g., crenças), quer em termos de processo (e.g., dissociação)

Fontes: Krueger et al. (2012); DSM-5 (APA, 2013/2014).

1.4 Convergência entre o FFM e o PID-5 – O Estado da Arte

O trabalho de Maples e Colaboradores (2015) merece destaque, dado a sua importância. À data da investigação estavam disponíveis duas versões do PID-5, sendo elas a versão longa/original (Krueger et al., 2012) e a versão breve (Krueger, Derringer, Markon, Watson, & Skodol, 2013). A forma breve do PID-5 (Krueger et al., 2013), produz os cinco domínios encontrados na forma longa. Porém, ao conservar apenas 25 dos 220 itens originais, não contempla os traços maladaptativos respeitantes às facetas da versão completa do PID-5 (Krueger et al, 2012/2013). Numa amostra de mais de 1400 sujeitos, Maples et al. (2015) exploram a possibilidade do desenvolvimento de uma versão reduzida do PID-5, intermédia às duas versões acima descritas. Este esforço pretendia dar resposta a dois pontos: a) a morosidade do processo de preenchimento dos 220 itens presentes na versão completa PID-5 (Krueger et al, 2012), particularmente difícil em contextos clínicos e b) a utilização mais restrita da versão breve do PID-5 (Krueger et al, 2013), dada a impossibilidade de produção dos traços maladaptativos de personalidade (Maples et al., 2015). Com análises baseadas na TRI (teoria de resposta ao item), os autores desenvolvem um instrumento com 100 itens, preservando as 25 facetas e os 5 domínios da versão longa original, sendo ele a versão reduzida do PID-5 (Maples et al., 2015). Este instrumento cumpria as exigências psicométricas e preservava as constelações de traços de personalidade patológicos, característicos das perturbações de personalidade (Pires, Ferreira, Guedes, Gonçalves, & Henriques-Calado, 2018). Assim, alguns autores acreditam que a versão reduzida do PID-5 (Maples et al., 2015) poderá ser uma alternativa à forma original (Pires et al., 2018).

Outro estudo que importa abordar é levado a cabo por Helle, Trull, Widiger, & Mullins-Sweat (2017). Ainda que os autores tenham utilizado 3 instrumentos de medida, serão analisados somente os dados respeitantes ao PID-5 e ao NEO-PI-R, por uma questão de conveniência. Assim, os autores encontram correlações significativas entre os Domínios do NEO-PI-R e os Factores do PID-5. Mais concretamente, o Neuroticismo apresenta uma correlação positiva com a Afectividade Negativa, o Psicoticismo e a Desinibição, sendo forte no primeiro caso e moderada nos seguintes. Por seu turno, a Extroversão está negativa e fortemente correlacionada com o Desprendimento. Já a Abertura à Experiência correlaciona-se positiva e moderadamente com o Psicoticismo. A Amabilidade correlaciona-se negativamente com o Antagonismo, Psicoticismo e Desprendimento, sendo a associação forte na primeira situação e moderada nas seguintes. Por último, a

Conscienciosidade encontra-se forte e negativamente correlacionada com a Desinibição. Estes resultados reforçam a ideia da associação entre o modelo de FFM e o modelo alternativo das perturbações da personalidade do DSM-5 (Helle et al., 2017).

Chmielewski, Ruggero, Kotov, Liu e Krueger (2017) mostram a superioridade do modelo alternativo do PID-5, comparativamente ao modelo tradicional de perturbação de personalidade, de um modo relativamente inovador. Nesse sentido, comparam a validade de construto da secção II (modelo tradicional de perturbações da personalidade) com a validade de construto da secção III (modelo híbrido alternativo de avaliação da personalidade) do DSM-5 (APA, 2013). Os resultados indicam que as medidas de traço do PID-5 são globalmente melhores que os modelos tradicionais de perturbações da personalidade. Curiosamente, os resultados também mostram que alguns construtos avaliados pelo PID-5 são melhor conceptualizados enquanto estados (transitivos) do que propriamente traços (Chmielewski et al., 2017), o que já tinha sido observado por outros autores (e.g., Clark, 2007).

Em Portugal, Pires, Ferreira e Guedes (2017) realizam um estudo com uma amostra de estudantes universitários. Os autores encontram bons índices de consistência interna para todas as dimensões do PID-5 e para a maioria das facetas deste instrumento, o que está de acordo com os resultados originais encontrados (Krueger et al., 2012; Pires et al., 2017). Os índices de estabilidade temporal do PID-5 também são bons, revelando-se os domínios ligeiramente mais estáveis, em termos médios, que as facetas (Pires et al., 2017). Sustentar a estabilidade temporal do PID-5 é importante, uma vez que uma das críticas mais apontadas à abordagem categorial de classificação das perturbações da personalidade se prende, precisamente, com a sua instabilidade temporal (Pires, et al., 2018). Deste modo, a estabilidade dos traços compreendidos no modelo alternativo é uma condição necessária à promoção do interesse da sua transição para a secção principal do DSM-5 (Pires et al., 2018). Para além da exploração das qualidades psicométricas do PID-5, Pires et al. (2017) também exploram as associações do PID-5 com o NEO-FFI, encontrando correlações positivas entre a Afectividade Negativa e o Neuroticismo e correlações negativas entre Desprendimento e Extroversão, Antagonismo e Amabilidade, e Desinibição e Conscienciosidade. Estes resultados suportam a convergência conceptual entre o PID-5 e os factores do NEO-FFI, bem como a expectativa teórica da continuidade entre personalidade normativa e patológica (Pires et al., 2017).

De mencionar, ainda, a nível nacional, um trabalho levado a cabo por Cardão (2016), numa amostra clínica. A autora verificou que a maioria das dimensões do PID-5 (forma longa) convergiu com os factores do NEO-FFI. Mais concretamente, encontrou uma correlação forte entre Desinibição-Neuroticismo e correlações moderadas para Desprendimento-Extroversão, Antagonismo-Amabilidade, Desinibição-Amabilidade, Desinibição-Conscienciosidade, Psicoticismo-Amabilidade e Afectividade Negativa-Neuroticismo. Uma correlação estatisticamente significativa mas fraca foi observada entre Psicoticismo e Neuroticismo.

1.5 Divergências entre os modelos? O caso do Psicoticismo e da Abertura à Experiência

Ainda que os estudos apontem no sentido da convergência entre o modelo de traços maladaptativos, subjacente ao PID-5, e o modelo FFM, a sobreposição não é perfeita.

A literatura não é consensual nas relações encontradas entre todas as dimensões do PID-5 e factores do NEO-FFI. Por um lado, a investigação dá conta da associação entre Afectividade Negativa e Neuroticismo (Cardão, 2016; Helle et al., 2017; Pires et al., 2017; Pires et al., 2018; Thomas et al., 2012), Desprendimento e baixa Extroversão (Cardão, 2016; Helle et al., 2017; Pires et al., 2017; Pires et al., 2018; Thomas et al., 2012); Antagonismo e baixa Amabilidade (Cardão, 2016; Helle et al., 2017; Pires et al., 2017; Pires et al., 2018; Thomas et al., 2012); e Desinibição e baixa Conscienciosidade (Cardão, 2016; Helle et al., 2017; Pires et al., 2017; Pires et al., 2018; Thomas et al., 2012). Por outro, produz resultados díspares relativos ao Psicoticismo e à Abertura à Experiência, ora não encontrando associações entre as variáveis (e.g., Cardão, 2016; Pires et al., 2017), ora mostrando-as (e.g., Gore & Widiger, 2013; Helle et al., 2017; Pires et al., 2018; Thomas et al., 2012).

A respeito desta questão, Gore & Widiger (2013) levam a cabo um estudo com o PID-5 e com três medidas alternativas de modelos de Cinco Factores, entre os quais o NEO-PI-R. Verificam, contrariamente ao que esperavam, um alinhamento entre Psicoticismo e Abertura à Experiência. Sustentam, assim, a hipótese de que os cinco Domínios do modelo dimensional de traços do PID-5, incluindo o Psicoticismo, correspondem a variantes maladaptativas da estrutura de personalidade geral. Na tentativa de explicação das fracas relações entre Psicoticismo e Abertura à Experiência,

documentadas pela literatura, os autores apontam para a própria construção dos instrumentos que operacionalizam o modelo FFM, neste caso concreto, o NEO-PI-R. Mais precisamente, sugerem que a fraca representatividade de variantes maladaptativas no domínio da Abertura à Experiência prejudica a sua associação com o Psicoticismo (Gore & Widiger, 2013).

A disparidade dos resultados encontrados, relativos às associações entre Psicoticismo e Abertura à Experiência, sugere a necessidade de exploração mais aprofundada desta temática, através do desenvolvimento de novos projectos de investigação (Pires et al., 2018). Não obstante, vários autores defendem que a convergência entre os modelos (de traços maladaptativos e FFM) é superior às suas eventuais divergências (Gore & Widiger 2013; Thomas et al., 2012; Trull & Widiger, 2013).

1.6 A Versão Breve do PID-5 – O Estado da Arte

A nível mundial, as poucas publicações existentes acerca da versão breve do PID-5 (PID-5-BF; Krueger et al, 2013) revelam a tendência para o estudo psicométrico deste instrumento, adaptado aos respectivos países (e.g., Anderson, Sellbom, & Salekin, 2018; Bach, Maples-Keller, Bo, & Simonsen, 2016; Combaluzier, Gouvernet, Menant, & Rezrazi, 2016; Fossati, Somma, Borroni, Markon, & Krueger, 2017). As amostras presentes nestes estudos ainda são pouco representativas da população geral, ora constituídas por estudantes (Anderson et al., 2018), ora por adolescentes (Fossati et al., 2017).

Um estudo bastante completo, desenvolvido na Dinamarca por Bach e colaboradores (2016) utiliza as formas longa (Krueger et al., 2012), reduzida (Maples et al., 2015) e breve (Krueger et al., 2013) do PID-5, numa ampla amostra mista, psiquiátrica e comunitária. Tendo como objectivo examinar as qualidades psicométricas das três versões, foram encontrados resultados robustos, no que respeita à consistência interna, à estrutura dos cinco factores e à validade discriminante, sendo encontradas diferenças significativas entre as duas populações estudadas. Como previsto pelos autores, as pontuações resultantes das três formas foram bastante semelhantes, pelo que convergentes (Bach et al., 2016).

A nível nacional, existe apenas uma investigação publicada, que explora as características psicométricas das versões longa, reduzida e breve do PID-5, bem como as suas correlações com o NEO-FFI (Pires et al., 2018). A amostra utilizada é maioritariamente constituída por estudantes universitários, do género feminino. Os resultados obtidos mostram que todas as versões do PID-5 são, sob o ponto de vista da consistência interna, adequadas – ainda que a versão breve apresente índices, em média, mais baixos (Pires et al., 2018). Não obstante, a versão longa é a que apresenta a maior robustez, sendo a versão breve a menos robusta. Quanto à estabilidade temporal, esta é boa para todos os domínios das versões longas e reduzidas do PID-5. Relativamente à versão breve, os domínios da Afectividade Negativa, Desprendimento e Psicoticismo são estáveis no tempo, já o Antagonismo e a Desinibição revelam uma menor estabilidade (Pires et al., 2018). No que se refere às correlações entre os domínios do PID-5 e os factores do NEO-FFI, todas as versões do PID-5 se correlacionam, directa e moderadamente, com o Neuroticismo do NEO-FFI. Os domínios do Desprendimento, Antagonismo e Desinibição mostram relações inversas e moderadas com a Extroversão, Amabilidade e Conscienciosidade (Pires et al., 2018). Um resultado muito interessante prende-se com a correlação (moderada) encontrada entre Psicoticismo e Abertura à Experiência, nas versões breve e reduzida do instrumento – com um intervalo de confiança de 99% e 95%, respectivamente. Na versão original (longa) do PID-5 não é encontrada qualquer correlação entre estas variáveis (Pires et al., 2018).

Em suma, o padrão de relações encontrado reforça a convergência conceptual e empírica dos modelos de personalidade (normal e patológica) que lhes servem de substrato (Pires et al., 2018). Contudo, continuam a ser necessárias mais investigações que permitam esclarecer as relações entre o Psicoticismo do PID-5 e a Abertura à Experiência do NEO-FFI (Pires et al., 2018).

Não obstante a diminuição dos índices de precisão (consistência interna e estabilidade temporal), a versão breve do PID-5 merece ser empiricamente explorada (Pires et al., 2018). É no sentido do aprofundamento do conhecimento empírico, relativo ao comportamento conjunto da versão breve do PID-5 e do NEO-FFI, que o presente estudo pode ser encontrado, com recurso a uma amostra que se pretende representativa da população portuguesa.

CAPÍTULO 2: OBJECTIVOS E HIPÓTESES

2.1 Objectivos

Neste capítulo apresentam-se os objectivos e hipóteses do presente estudo, decorrentes da anterior revisão teórica.

Objectivo Geral: Averiguar a relação empírica entre os factores do NEO-FFI (Lima & Simões, 2000) e as dimensões da versão breve do PID-5 – Adultos (Versão Experimental; Pires, Silva, Fagulha, & Gonçalves, 2014), numa amostra da população geral portuguesa.

Objectivos específicos:

- a) Contribuir, sob o ponto de vista teórico-prático, para a produção de literatura científica, em Portugal, no que diz respeito ao comportamento da versão breve do PID-5 – Adultos, em relação ao qual existem poucos estudos publicados.
- b) Compreender a exequibilidade do uso da versão breve do PID-5 – Adultos para encontrar as associações empíricas verificadas na sua versão longa (e.g., Pires et al., 2017; Helle et al., 2017).

No ponto seguinte listam-se as hipóteses elaboradas na presente investigação e facultam-se as referências de estudos considerados pertinentes. Todos os exemplos apresentados utilizam o modelo do FFM (Costa & McCrae, 1990/1992b; Costa & Widiger, 2012), alguns com recurso ao NEO-PI-R (e.g., Helle et al., 2017), outros usando o NEO-FFI (e.g., Pires et al., 2017; Cardão, 2016). Qualquer das variantes de operacionalização do FFM, patente nos estudos mencionados, é “cruzada” com o PID-5, na sua forma longa. A evidência da escassez de estudos, nacionais e estrangeiros, que comparam a versão breve do PID-5 com o NEO-FFI obrigou a um exercício reflexivo acerca dos dados que poderiam ser produzidos pela investigação. Não obstante, a própria observação da escassez de literatura justifica a pertinência e o interesse do presente estudo.

2.2 Hipóteses

Hipótese 1: Espera-se uma relação positiva entre as variáveis Afetividade Negativa (versão breve do PID-5) e Neuroticismo (NEO-FFI). (e.g., Helle et al., 2017; Pires et al., 2017)

Hipótese 2: Espera-se uma relação negativa entre as variáveis Desinibição (versão breve do PID-5) e Conscienciosidade (NEO-FFI) (e.g., Helle et al., 2017; e Pires et al., 2017)

Hipótese 3: Espera-se uma relação negativa entre as variáveis Desinibição (versão breve do PID-5) e Amabilidade (NEO-FFI) (e.g., Cardão, 2016; Pires et al., 2017).

Hipótese 4: Espera-se uma relação positiva entre as variáveis Desinibição (versão breve do PID-5) e Neuroticismo (NEO-FFI) (e.g., Helle et al., 2017; e Pires et al., 2017).

Hipótese 5: Espera-se que a relação mais forte (em módulo) da variável Desinibição (versão breve do PID-5) seja com a variável Conscienciosidade (NEO-FFI).

Hipótese 6: Espera-se uma relação negativa entre as variáveis Desprendimento (versão breve do PID-5) e Extroversão (NEO-FFI) (e.g., Helle et al., 2017; Pires et al., 2017).

Hipótese 7: Espera-se uma relação positiva entre as variáveis Desprendimento (versão breve do PID-5) e Neuroticismo (NEO-FFI) (e.g., Pires et al., 2017).

Hipótese 8: Espera-se uma relação negativa entre as variáveis Desprendimento (versão breve do PID-5) e Conscienciosidade (NEO-FFI) (e.g., Cardão, 2016; Pires et al., 2017).

Hipótese 9: Espera-se uma relação negativa entre as variáveis Desprendimento (versão breve do PID-5) e Amabilidade (NEO-FFI) (e.g., Helle et al., 2017; Pires et al., 2017).

Hipótese 10: Espera-se que a relação mais forte (em módulo) da variável Desprendimento (versão breve do PID-5) seja com a variável Extroversão (NEO-FFI).

Hipótese 11: Espera-se uma relação positiva entre as variáveis Psicoticismo (versão breve do PID-5) e Abertura à Experiência (NEO-FFI) (e.g., Helle et al., 2017).

Hipótese 12: Espera-se uma relação positiva entre as variáveis Psicoticismo (versão breve do PID-5) e Neuroticismo (NEO-FFI) (e.g., Helle et al., 2017; Pires et al., 2017).

Hipótese 13: Espera-se uma relação negativa entre as variáveis Psicoticismo (versão breve do PID-5) e Amabilidade (NEO-FFI) (e.g., Helle et al., 2017; Pires et al., 2017).

Hipótese 14: Espera-se que a dimensão da personalidade mais próxima de Psicoticismo (versão breve do PID-5) seja Neuroticismo (NEO-FFI).

Hipótese 15: Espera-se uma relação negativa entre a variável Antagonismo (versão breve do PID-5) e a variável Amabilidade (NEO-FFI) (e.g., Helle et al., 2017; Pires et al., 2017).

CAPÍTULO 3: MÉTODO

3.1 Participantes

O Quadro 3.1 apresenta a caracterização da amostra, em termos de variáveis sociodemográficas.

Quadro 3.1. *Características sociodemográficas dos participantes, frequências relativas (%); frequências absolutas (n) (N= 338).*

Idade*		<i>M= 41.07 anos; DP= 13.56. Mínimo = 18; Máximo = 83.</i>			
	n	% Válida		n	% Válida
Sexo			Situação laboral		
Masculino	132	39.1	Empregado	262	77.5
Feminino	206	60.9	Desempregado	26	7.7
Nacionalidade			Reformado	18	5.3
Portuguesa	333	98.5	Dona de casa	3	0.9
Outra	5	1.5	Estudante	29	8.6
Residência*			Agregado familiar*		
Urbana	307	94.2	Vive só	40	11.9
Rural	19	5.8	Vive com o cônjuge	108	32.1
Estado civil*			Vive com cônjuge e terceiros	96	28.6
Solteiro	104	30.9	Vive com terceiros	21	6.3
Casado ou vivendo como tal	197	58.5	Vive com pais	47	14.0
Viúvo	6	1.8	Outro	24	7.1
Divorciado ou separado	30	8.9	Crenças e práticas religiosas*		
Nível de ensino (completo)			Católico	64	19.0
< 4º ano	7	2.1	Católico não praticante	185	55.1
4º ano	5	1.5	Outra religião	9	2.7
6º ano	16	4.7	Sem religião	78	23.2
9º ano	52	15.4			
12º ano	96	28.4			
Licenciatura ou mais	162	47.9			

* O total é diferente devido aos casos omissos.

A amostra do presente estudo é constituída por 338 participantes, com uma predominância do sexo feminino. As idades dos sujeitos variam entre 18 e os 83 anos.

Mais de 90% dos indivíduos é de nacionalidade Portuguesa e reside em área urbana. A maioria dos participantes encontra-se casada, ainda que a percentagem de solteiros seja significativa.

Quanto ao nível de escolaridade, quase metade dos indivíduos possuía licenciatura ou um grau académico superior, e apenas uma pequena percentagem apresentava um nível de ensino igual ou inferior ao 6º ano.

A situação laboral dos sujeitos mostra que mais de 2/3 estava empregado. Viviam acompanhados cerca de 80% dos indivíduos.

No que diz respeito às crenças e práticas religiosas, mais de 3/4 da amostra era religiosa, sobretudo católica.

3.2 Instrumentos de medida

3.2.1 Questionário Sociodemográfico

O questionário reúne informação sociodemográfica acerca do próprio (e.g., sexo; idade; nível de ensino, estado civil); das relações familiares; das crenças e práticas religiosas; da presença ou ausência de doença (física ou psicológica), da avaliação global do estado de saúde do indivíduo e da presença ou ausência de acontecimento de vida traumático. A informação extraída pelo instrumento de auto-relato pretende a caracterização da amostra em estudo.

3.2.2 Versão Portuguesa do NEO-FFI (Lima & Simões, 2000)

O NEO-FFI (Costa & McCrae, 1989) é uma versão reduzida do NEO-PI-R (Costa & McCrae, 1992a). A construção destes instrumentos tem como pressuposto a representação dimensional da estrutura da personalidade, *i.e.*, o modelo dos Cinco Factores (FFM; e.g., Costa & McCrae, 1992b; Costa, & Widiger, 2012).

A *Versão Portuguesa do NEO-FFI* utilizada corresponde a uma versão reduzida do NEO-PI-R (Costa & McCrae, 2000; Lima & Simões, 2000). É um instrumento de auto-relato com 60 itens, em relação aos quais o sujeito se posiciona (responde) através de uma escala de *Likert* de 5 pontos (0 = “discordo fortemente”; 1 = “discordo”; 2 = “neutro”; 3 = “concordo” e 4 = “concordo fortemente”). São produzidos 5 factores (Neuroticismo – N, Extroversão – E, Abertura à Experiência – O, Amabilidade – A e Conscienciosidade – C), cada um recebendo o contributo de 12 itens.

3.2.3 Inventário de Personalidade para o DSM-5 (PID-5) – Adultos (Versão Breve) (Versão Experimental Portuguesa; Pires et al., 2014)

O PID-5 (Krueger et al., 2012) é o instrumento completo e original para a avaliação de traços maladaptativos de personalidade, em adultos com mais de 18 anos. Produz 25 facetas (traços maladaptativos) e 5 dimensões (Afectividade Negativa, Desprendimento, Antagonismo, Desinibição e Psicoticismo), através da resposta (numa escala de *Likert* de 4 pontos) a 220 itens.

A adaptação portuguesa da forma longa do PID-5 mostrou-se, sob o ponto de vista psicométrico, robusta e próxima do instrumento original (Krueger et al., 2012; Pires et al., 2017). Em termos de validade, a escala revelou estabilidade temporal (com um intervalo de quatro semanas entre aplicações), variando as Dimensões entre $r_s = .79$ ($p < 0.01$) e $r_s = .92$ ($p < .01$) (Pires et al., 2017). Relativamente à consistência interna (α de Cronbach), os valores encontrados foram muito satisfatórios (Pires et al., 2017). O Quadro 3.2. compara os valores dos alfas de Cronbach, em Portugal e EUA, para as dimensões da versão longa do PID-5.

Quadro 3.2. *Consistência interna (α) das 5 dimensões do PID-5.*

Dimensões	Pires et al., 2017 (N = 107)	Krueger et al., 2012 (N = 264)
	α	α
Afectividade Negativa	.91	.93
Desprendimento	.93	.96
Antagonismo	.89	.95
Desinibição	.91	.84
Psicoticismo	.94	.96

Fonte: Pires et al. (2017).

Relativamente à versão breve do PID-5, esta corresponde ao *Personality Inventory for DSM-5 Brief Form* (PID-5-BF; Krueger et al, 2013). Este questionário de auto-relato é composto por apenas 25 itens, sendo igualmente capaz de gerar as 5 dimensões originais (desta feita, cada uma é constituída por 5 itens). A escala de *Likert* de 4 pontos mantém-se a escala de resposta ao item.

No presente estudo foi utilizado o *Inventário de Personalidade para o DSM-5 (PID-5) – Adultos (Versão Breve)* (Pires et al., 2014). Para além das 5 dimensões acima mencionadas também foi produzido um valor total, resultante da pontuação global obtida pelo sujeito no instrumento.

Quanto às características psicométricas do instrumento utilizado, os coeficientes de estabilidade temporal baixam, em termos médios, na versão breve do PID-5 - Adultos (Pires et al., 2018). As Dimensões da Afectividade Negativa, Psicoticismo e Desprendimento revelam-se estáveis no tempo $r_s = .90$ ($p < .01$); $r_s = .81$ ($p < .01$) e $r_s = .79$ ($p < .01$), respectivamente (Pires et al., 2018). Menos estáveis mostram-se a Desinibição ($r_s = .66$; $p < .01$) e o Antagonismo ($r_s = .63$; $p < .01$) (Pires et al., 2018). Os coeficientes de precisão também baixam em termos médios, comparativamente à forma longa do PID-5 (Pires et al, 2018). O Quadro 3.3 compara os valores de α de *Cronbach* das formas longas e breves, num estudo português.

Quadro 3.3. *Consistência interna (α) das dimensões do PID-5 nas formas longa e breve.*

Dimensões	PID-5 Forma Longa	PID-5 Forma Breve
	α	α
Afectividade Negativa	.90	.68
Desprendimento	.92	.73
Antagonismo	.89	.62
Desinibição	.89	.64
Psicoticismo	.94	.75

Fonte: Pires et al. (2018).

3.3 Procedimento de recolha da amostra

O presente trabalho faz parte de um projecto de investigação sobre Personalidade e Psicopatologia, com o objectivo de estudar a relação entre vários instrumentos de medida, entre os quais a versão breve do PID-5 – Adultos, cuja versão experimental portuguesa é da autoria de Pires et al. (2014).

Os dados foram recolhidos no decurso de 2016, através de uma amostragem não probabilística ou não aleatória. Esta consistiu em amostragem de conveniência (indivíduos seleccionados por conveniência) e de propagação geométrica (*snowball*: o sujeito de interesse é seleccionado, recomenda o estudo ao próximo sujeito, e assim sucessivamente) (Marôco, 2014).

A aplicação dos questionários foi realizada de modo não-presencial, sendo os instrumentos entregues e recolhidos em envelope fechado.

Foi obtida a autorização para a utilização dos instrumentos seleccionados, junto dos autores dos mesmos, assim como o consentimento informado escrito por parte de todos os participantes do estudo. A confidencialidade das informações adquiridas foi garantida através da atribuição de um código a cada indivíduo.

Os contactos, telefónico e e-mail, foram disponibilizados aos participantes, no sentido do esclarecimento de eventuais dúvidas relativas à investigação.

3.4 Procedimento estatístico

Utilizou-se o *software IBM SPSS Statistics* (v.24, SPSS Inc., Chicago, IL) para análise estatística quantitativa dos dados recolhidos.

Dada a pertinência da dimensão da amostra recolhida (consideravelmente superior a 25-30 casos), e de acordo com o Teorema do Limite Central, pode assumir-se que a média amostral tem distribuição normal (Marôco, 2014).

Realizou-se uma análise descritiva univariada, através do cálculo de frequências e percentagens, determinação das medidas de tendência central (médias) e dispersão (desvios-padrão) – para as variáveis sociodemográficas e as variáveis dos instrumentos (versão breve do PID-5 – Adultos e NEO-FFI).

A correlação bivariada foi utilizada para explorar o grau de associação (relação linear positiva ou negativa) entre as dimensões do NEO-FFI e os factores da versão breve do PID-5 – Adultos. Uma vez que estão em causa variáveis contínuas e com uma distribuição normal, optou-se pelo coeficiente de *correlação de Pearson* (r de *Pearson*), com níveis de significância a $\alpha = .05$ e $\alpha = .01$ (testes de significância de duas extremidades). Para interpretação dos coeficientes r adoptou-se a convenção de Cohen (1992), segundo a qual a força da correlação é considerada fraca quando $r < .30$, moderada se $.30 \leq r \leq .49$, e forte quando $r \geq .50$.

CAPÍTULO 4: RESULTADOS

4.1 Caracterização dos resultados nos Factores do NEO-FFI

Para o NEO-FFI foi realizado o cálculo de médias, desvios-padrão, valores mínimos e máximos (estatística descritiva) das pontuações observadas nos 338 participantes, nos 5 factores deste instrumento (cada factor composto por 12 itens). Os resultados são apresentados no Quadro 4.1.

Quadro 4.1. Médias, desvios-padrão, mínimos e máximos dos resultados obtidos nos factores do NEO-FFI (N= 338).

Factores	Média	Desvio-Padrão	Mínimo	Máximo
Neuroticismo	22.87	7.91	3	48
Extroversão	30.23	6.10	9	47
Abertura à Experiência	28.26	5.66	12	44
Amabilidade	32.48	5.36	16	47
Conscienciosidade	35.01	6.38	10	48

Como se pode observar, o menor valor médio foi obtido para o Neuroticismo, seguido da Abertura à Experiência, Extroversão, Amabilidade e Conscienciosidade.

O Neuroticismo foi também o factor onde se verificou uma maior dispersão de resultados, consequência da maior amplitude entre o valor mínimo e máximo das respostas obtidas pelos sujeitos nesta subescala. Por outro lado, a Amabilidade revelou a maior homogeneidade de resultados, como mostrado pela maior proximidade entre o valor máximo e o valor mínimo pontuados nesta subescala (Quadro 4.1).

4.2 Caracterização dos resultados nas Dimensões e Total da Versão Breve do PID-5

Todos os resultados apresentados neste subcapítulo e descritos no Quadro 4.2 correspondem a resultados médios padronizados das respostas aos itens das dimensões da versão breve do PID-5, bem como do resultado global obtido no mesmo.

Quadro 4.2. *Médias, desvios-padrão, valores mínimos e máximos dos resultados médios padronizados obtidos nas dimensões e total da Versão Breve do PID-5 (N= 338).*

Dimensões	Média	Desvio-Padrão	Mínimo	Máximo
Afectividade Negativa	1.37	.56	0	2.8
Desprendimento	.76	.61	0	2.8
Antagonismo	.47	.46	0	2.8
Desinibição	.78	.57	0	2.6
Psicoticismo	.67	.61	0	2.4
PID-5_Total	.81	.41	0	2.8

Em relação aos valores médios, a dimensão menos pontuada pelos sujeitos foi o Antagonismo e a mais pontuada foi a Afectividade Negativa. Os resultados das pontuações variaram entre 0 e 2.8 (Quadro 4.2).

4.3 Correlações de *Pearson* entre as Dimensões e Total da Versão Breve do PID-5 e os Factores do NEO-FFI

Os resultados relativos ao grau de associação entre a versão breve do PID-5 e o NEO-FFI, avaliados com recurso a coeficientes de correlação de *Pearson* (com níveis de significância de $\alpha = .05$ e $\alpha = .01$), são apresentados no Quadro 4.3.

Quadro 4.3. *Correlações de Pearson entre as dimensões e total da Versão Breve do PID-5 e os factores do NEO-FFI (N = 338).*

NEO-FFI (Factores)	Versão Breve do PID-5 (Dimensões e Total)					PID-5_Total
	Afetividade Negativa	Desprendimento	Antagonismo	Desinibição	Psicoticismo	
Neuroticismo	.53**	.46**	.26**	.39**	.44**	.59**
Extroversão	-.26**	-.50**	-.21**	-.09	-.21**	-.35**
Abertura à Experiência	-.07	-.02	-.04	-.03	.12*	-.01
Amabilidade	-.23**	-.39**	-.45**	-.33**	-.35**	-.48**
Conscienciosidade	-.16**	-.28**	-.20**	-.43**	-.21**	-.36**

Nota. A correlação é moderada se $.30 \leq r \leq .49$ e forte se $r \geq .50$. O negrito evidencia as correlações moderadas e fortes.

** $p < .01$.

* $p < .05$.

Em termos globais, observam-se correlações significativas entre: a) o Psicoticismo (versão breve do PID-5) e todos os Factores do NEO-FFI; b) a Afetividade Negativa, o Desprendimento e o Antagonismo (versão breve do PID-5) e 4 factores do NEO-FFI (Neuroticismo; Extroversão; Amabilidade e Conscienciosidade); e c) a Desinibição (versão breve do PID-5) e 3 factores do NEO-FFI (Neuroticismo, Amabilidade e Conscienciosidade). O PID-5_Total correlaciona-se de modo significativo com 4 factores do NEO-FFI (Neuroticismo; Extroversão; Amabilidade e Conscienciosidade).

A correlação positiva mais forte e significativa, entre as dimensões da versão breve PID-5 e os factores do NEO-FFI, verificou-se entre a Afetividade Negativa e o Neuroticismo. Isto significa que, na população estudada, se o valor da Afetividade Negativa aumentar, o Neuroticismo também aumenta; se o valor da Afetividade Negativa diminuir, o Neuroticismo também diminui. Por outro lado, a correlação estatisticamente

significativa mais fraca também foi positiva e observada entre o Psicoticismo e a Abertura à Experiência. As restantes correlações obtidas, e as respectivas significâncias, encontram-se também descritas no Quadro 4.3.

CAPÍTULO 5: DISCUSSÃO

A maioria dos estudos actuais tem como foco a forma longa do PID-5 (e.g, Pires et al., 2017). Face a isto, o presente trabalho teve como objectivo contribuir para a produção de literatura relativa à versão breve do PID-5. Mais concretamente, interessava perceber se a versão breve do PID-5 conseguia reproduzir as associações empíricas que haviam sido documentadas, noutros trabalhos científicos, entre a forma longa do PID-5 e o NEO-FFI.

As hipóteses propostas neste estudo foram elaboradas com base em investigações prévias, na população geral e clínica, e exploram o comportamento conjunto do PID-5 e do NEO-FFI (e.g, Cardão, 2016; Helle et al., 2017; Pires et al., 2017). Os resultados obtidos no presente trabalho mostram que as hipóteses foram todas confirmadas através das relações estatisticamente significativas, encontradas entre as variáveis consideradas (com um nível de confiança de 95% e 99%). Seguidamente listam-se todas as hipóteses.

Hipótese 1: Espera-se uma relação positiva entre as variáveis Afetividade Negativa e Neuroticismo; Hipótese 2: Espera-se uma relação negativa entre as variáveis Desinibição e Conscienciosidade; Hipótese 3: Espera-se uma relação negativa entre as variáveis Desinibição e Amabilidade; Hipótese 4: Espera-se uma relação positiva entre as variáveis Desinibição e Neuroticismo; Hipótese 5: Espera-se que a relação mais forte (em módulo) da variável Desinibição seja com a variável Conscienciosidade; Hipótese 6: Espera-se uma relação negativa entre as variáveis Desprendimento e Extroversão; Hipótese 7: Espera-se uma relação positiva entre as variáveis Desprendimento e Neuroticismo; Hipótese 8: Espera-se uma relação negativa entre as variáveis Desprendimento e Conscienciosidade; Hipótese 9: Espera-se uma relação negativa entre as variáveis Desprendimento e Amabilidade; Hipótese 10: Espera-se que a relação mais forte da variável Desprendimento seja com a variável Extroversão; Hipótese 11: Espera-se uma relação positiva entre as variáveis Psicoticismo e Abertura à Experiência; Hipótese 12: Espera-se uma relação positiva entre as variáveis Psicoticismo e Neuroticismo; Hipótese 13: Espera-se uma relação negativa entre as variáveis Psicoticismo e Amabilidade; Hipótese 14: Espera-se que a dimensão da personalidade mais próxima de Psicoticismo seja Neuroticismo e Hipótese 15: Espera-se uma relação negativa entre a variável Antagonismo e a variável Amabilidade.

Dado o elevado número de hipóteses colocadas, as mesmas serão seguidamente discutidas para cada dimensão da versão breve do PID-5 – Adultos, com o propósito de facilitar a leitura do presente capítulo.

Afectividade Negativa

A dimensão da Afectividade Negativa corresponde à experiência intensa e frequente de níveis elevados de emoções negativas (e.g., ansiedade, depressão, raiva, preocupação, culpa, vergonha) e respectivas manifestações comportamentais e interpessoais (APA, 2013). O Neuroticismo estabelece com a Afectividade Negativa uma correlação positiva ($r = .53$), o que confirmou a Hipótese 1. Não só esta relação é forte como é a mais elevada de todas as encontradas entre as dimensões do PID-5 e os factores do NEO-FFI. Este resultado tem sido observado noutros trabalhos, em versões longa (e.g., Helle et al., 2017; Pires et al., 2017 e Pires et al., 2018) e breve do PID-5 (e.g., Pires et al., 2018). Uma vez que níveis mais elevados no Neuroticismo estão associados à tendência para a experiência de emoções negativas (Costa & McCrae, 1992a), não é surpreendente que a Afectividade Negativa e o Neuroticismo se elevem ou baixem em conjunto.

Desprendimento

A dimensão do Desprendimento caracteriza-se pelo evitamento de experiências socioemocionais e afastamento de interações pessoais, com expressão e experiência afectiva restritas e capacidade hedónica limitada (APA, 2013). As relações verificadas entre esta dimensão e os factores do NEO-FFI foram significativas mas com diferentes intensidades de correlação. A Extroversão foi a escala que apresentou a correlação mais forte, e de carácter negativo ($r = -.50$). Este resultado, que confirmou as hipóteses 6 e 10, é teoricamente expectável, dado que a Extroversão é uma dimensão primária do comportamento interpessoal, espelhada pela quantidade de estimulação social (Costa et al., 1991). Níveis mais elevados de Extroversão traduzem a tendência para a socialização, o apreço pela presença em contexto de grupo e a boa disposição (Barros & Marques, 1999). Uma vez que a relação entre o Desprendimento e a Extroversão é negativa, espera-se que níveis mais elevados de Extroversão se façam acompanhar de níveis do Desprendimento mais baixos (e vice-versa). Estudos anteriores documentaram resultados semelhantes na

versão longa do PID-5 (e.g., Helle et al., 2017; Pires et al., 2017 e Pires et al., 2018) e breve (e.g., Pires et al., 2018).

Outra correlação a considerar foi a explorada entre o Desprendimento e o Neuroticismo. Esta é ligeiramente inferior à correlação anteriormente discutida, sendo moderada e positiva ($r = .46$). Assim, parece legítimo considerar que o evitamento das relações socioemocionais (Desprendimento) estará associado a um maior nível de *distress* psicológico (Neuroticismo). Estes resultados confirmam a Hipótese 7 e são encontrados por outros autores, evidenciando até correlações mais fortes entre as variáveis, em versões longas e breves do PID-5 (e.g., Pires et al., 2017; Pires et al., 2018).

De mencionar que a Amabilidade, que diz respeito ao comportamento interpessoal, nomeadamente à qualidade da interacção social, ajudando a moldar as atitudes sociais e influenciando as filosofias de vida e a auto-imagem do indivíduo (Costa et al., 1991), encontra com o Desprendimento uma correlação moderada e negativa ($r = -.39$). Confirmou-se, assim, a Hipótese 9. Faz sentido, portanto, que o aumento do Desprendimento, caracterizado pelo prejuízo das interacções sociais, esteja associado à diminuição da qualidade da interacção social, *i.e.*, ao abaixamento da Amabilidade. A força da correlação é suportada por investigações que utilizam a versão breve do PID-5 (e.g., Pires et al., 2018), ainda que sejam encontradas associações maiores no caso das versões longas do instrumento (e.g., Helle et al., 2017; Pires et al., 2017; Pires et al., 2018).

Por último, o Desprendimento estabelece uma correlação fraca com o factor da Conscienciosidade. Apesar do grau de associação entre as variáveis ser modesto, confirma-se a Hipótese 8. A maioria dos estudos consultados dá conta de uma relação moderada entre estas variáveis, nas formas longas e breves do PID-5 (e.g., Cardão, 2016; Pires et al., 2017; Pires et al., 2018). Considerando a fraqueza da relação encontrada no presente estudo ($r = -.28$), parece apropriado limitar as considerações ao sinal da associação, referindo apenas que quando o Desprendimento aumenta a Conscienciosidade diminui (e vice-versa).

Antagonismo

Relativamente à Dimensão do Antagonismo, esta corresponde ao comportamento de desacordo com o próximo, de utilização de terceiros em proveito pessoal e à ausência de

consciência das necessidades e sentimentos dos outros. O sujeito revela uma exagerada auto-importância e espera um tratamento especial (APA, 2013). A Amabilidade é o factor do NEO-FFI com o qual a correlação é mais forte, ainda que moderada ($r = -.45$). Este factor define o contínuo entre a compaixão/agradabilidade e o antagonismo/egocentrismo (Costa et al., 1991; Barros & Marques, 1999). É logicamente pertinente, portanto, que um valor maior da Amabilidade esteja associado a um menor valor de Antagonismo (e vice-versa), como traduzido pelo carácter negativo da correlação estabelecida entre as variáveis. O resultado encontrado confirma a Hipótese 15 e é apoiado por outras investigações (e.g., Cardão, 2016; Helle et al., 2017; Pires et al., 2017; Pires et al., 2018).

Desinibição

A Desinibição descreve comportamentos impulsivos, inconsequentes e orientados para a gratificação imediata (APA, 2013). A correlação mais forte, relativa à Desinibição, foi estabelecida de modo moderado e negativo com a Conscienciosidade ($r = -.43$), confirmando as Hipóteses 2 e 5. A Conscienciosidade está relacionada com a autodisciplina na capacidade de planeamento, organização e concretização de tarefas (Costa et al., 1991). Assim, compreende-se que a autodisciplina (Conscienciosidade) e a impulsividade (Desinibição) variem em sentido contrário, sendo que quando um cresce o outro diminui. Esta tendência é encontrada em estudos utilizando a versão longa (e.g., Cardão, 2016; Helle et al., 2017; Pires et al., 2017; Pires et al., 2018) e breve (e.g., Pires et al., 2018) do PID-5.

O que já foi mencionado em relação ao factor de Neuroticismo torna compreensível que a correlação encontrada com a dimensão de Desinibição seja positiva ($r = .39$). Ainda que os efeitos desta relação sejam moderados, é adequado afirmar que seria contra-intuitivo esperar que as características intrínsecas à Desinibição ocorressem num contexto de ajustamento psicológico. A força desta relação aumenta nos estudos que recorrem à versão completa do PID-5 (e.g., Pires et al., 2017; Pires et al., 2018) e é semelhante no estudo português que também contempla a forma reduzida deste instrumento (e.g., Pires et al., 2018). Está confirmada a Hipótese 4.

A Hipótese 3 foi confirmada pela correlação negativa entre o factor de Desinibição e a Dimensão de Amabilidade ($r = -.33$). Com as devidas ressalvas a que o carácter

moderado entre as variáveis exige, parece haver uma tendência para que indivíduos mais antagonistas (i.e., com menores níveis de Amabilidade) apresentem maiores valores no factor de Desinibição. As investigações consultadas corroboram a associação entre estas variáveis, nas versões longas e breves do PID-5 (e.g, Helle et al., 2017; Pires et al., 2017; Pires et al., 2018).

Psicoticismo

O Psicoticismo caracteriza-se por cognições e comportamentos incomuns, em termos de processo e conteúdo, que não podem ser explicados pela cultura à qual o sujeito pertence (APA, 2013). A correlação mais elevada desta dimensão foi estabelecida com o factor Neuroticismo do NEO-FFI, sendo positiva e moderada ($r = .44$). Este resultado confirma as Hipóteses 12 e 14. A literatura descreve que os sujeitos com resultados mais elevados na escala de Neuroticismo tendem a ter pensamentos irracionais, dificuldade no controlo dos impulsos e de gestão do *stress* (Barros & Marques, 1999). Não surpreende, portanto, que estas variáveis aumentem ou diminuam em conjunto, como verificado por outros autores nas diferentes formas do PID-5 (e.g., Pires et al., 2017; Pires et al., 2018).

Ainda em relação ao Psicoticismo, a correlação moderada e negativa entre esta dimensão e a Amabilidade ($r = -.35$) vem confirmar a Hipótese 13. Faz sentido que um aumento dos comportamentos e cognições infrequentes, associados à dimensão do Psicoticismo, não promova a qualidade das relações interpessoais (Amabilidade). Vários estudos apoiam o resultado encontrado (e.g, Cardão, 2016; Pires et al., 2017; Pires et al., 2018).

De realçar que a correlação positiva mais fraca, para as hipóteses estabelecidas, foi encontrada entre o Psicoticismo e a Abertura à Experiência ($r = .12$). Esta relação tem sido explorada em diversos trabalhos cujos resultados são discordantes. Por exemplo, Helle et al. (2017) demonstrou a existência de uma relação significativa na forma longa do PID-5, enquanto Pires et al. (2017) e Pires et al. (2018) não encontram uma relação estatisticamente significativa entre estes domínios, em dois estudos publicados. No que se refere à forma breve do PID-5, Pires et al. (2018) verificou uma relação directa significativa mas fraca ($r = .26$). Esta tendência também foi encontrada no presente

trabalho. Ainda que tenha sido confirmada a Hipótese 11, continuam a ser necessários mais estudos que ajudem a compreender o carácter controverso da relação entre estas variáveis.

Abertura à Experiência (NEO-FFI)

Um resultado igualmente relevante obtido no presente estudo mostra que a Abertura à Experiência é o factor do NEO-FFI com franca dificuldade em correlacionar-se com as dimensões da versão breve do PID-5 – Adultos. Este resultado está em concordância com o que foi encontrado por outros autores (e.g., Cardão, 2016; Helle et al., 2017; Pires et al., 2017; Pires et al., 2018). Neste contexto, Costa e Widiger (2002) mencionam que a expressão emocional restrita ou a intolerância a diferentes pontos de vista, atribuídos à Abertura à Experiência, não estão adequadamente representados nos critérios de diagnóstico das perturbações da personalidade. Independentemente desta questão, o contributo da Abertura à Experiência para a taxonomia da estrutura da personalidade torna incoerente a sua exclusão (Costa & Widiger, 2002).

Limitações do Estudo e Perspectivas Futuras

Uma das limitações identificadas neste estudo prende-se com o elevado nível de escolaridade da amostra, o que poderá influenciar a reacção dos participantes aos instrumentos utilizados (Pires et al., 2017).

Em termos estatísticos, seria adequado proceder-se a uma análise multifactorial, que possibilitaria a supressão de eventuais factores de confundimento entre as variáveis analisadas. No entanto, para tal seria necessário recodificar as dimensões e factores em variáveis dicotómicas.

Para obviar as limitações expostas, seria interessante reproduzir o estudo numa população menos diferenciada, sob o ponto de vista do nível de ensino. Do mesmo modo, seria vantajoso elaborar projectos na mesma linha de investigação do presente trabalho, dirigidos à população geral e clínica, com objectivo de aprofundar a compreensão acerca do comportamento da versão breve do PID-5 e do NEO-FFI. Importa compreender em que contextos a forma breve pode ser utilizada, uma vez que os estudos não esclarecem esta questão. Alguns autores recomendam que a utilização da forma breve seja empírica (Pires

et al., 2018), enquanto outros autores sugerem que a sua utilização seja, também, clínica (Anderson et al., 2018).

Outra proposta de estudo futuro utilizaria, como instrumentos de medida, a versão breve do PID-5 e o NEO-PI-R. Pretende-se, com esta sugestão, alargar o campo de investigação acerca da forma breve do PID-5 e perceber em que medida este instrumento se associa com as facetas (para além das dimensões) do NEO-PI-R. Trata-se, portanto, de estender a compreensão acerca da versão breve do PID-5, relativamente a aspectos mais “finos” do modelo FFM, operacionalizados através do NEO-PI-R.

Contributos do Estudo

O presente estudo tem a vantagem de utilizar uma amostra que pretende ser representativa da população geral. Isto constitui um avanço no sentido da compreensão do comportamento da versão breve do PID-5 – Adultos, ao diferenciar-se dos estudos que utilizam amostras maioritariamente constituídas por estudantes universitários (e.g., Anderson et al., 2018; Pires, 2017; Pires et al., 2018). Para além disso, na presente amostra existe um maior equilíbrio na proporção de homens e mulheres, o que constitui um progresso em relação a investigações anteriores, nas quais se verificava uma sobrerrepresentatividade do sexo feminino (e.g., Pires et al., 2017).

Outra vantagem, decorrente da utilização da versão breve (constituída apenas por 25 itens), prende-se com a rapidez do preenchimento deste instrumento, o que poderá eventualmente aumentar a adesão dos participantes ao estudo.

As relações empíricas encontradas, entre a versão breve do PID-5 – Adultos e o NEO-FFI, no sentido da comprovação das hipóteses elaboradas, sugerem a convergência entre estes instrumentos, numa população portuguesa geral. Ainda que alguns autores desaconselhem a escolha da forma breve, em detrimento da longa, em contexto clínico, dada a verificação da diminuição, em termos médios, dos índices de precisão da versão breve (Pires et al., 2018), continua a ser pertinente que os estudos acerca deste instrumento prossigam, em contexto de investigação. Isto acontece porque há informação científica importante que pode ser extraída através de investigações que, como esta, utilizem a versão breve do PID-5 – Adultos. A escolha desta versão não pretendeu a exploração dos traços maladaptativos de personalidade (até porque as facetas compreendidas na forma longa do

PID-5 estão ausentes na forma breve), mas sim o contributo para a discussão da dimensionalidade da personalidade, promovida pela introdução de um modelo de avaliação híbrido (categorial e dimensional) no DSM-5 (APA, 2013). Actualmente são discutidos os binómios categoria-dimensão e qualidade-quantidade. A comunidade científica parece compreender que a abordagem categorial e a abordagem dimensional não são mutuamente exclusivas, i.e., não são categoriais – como nos informam, e com muito sentido de humor, Trull e Durret (2005). Sob o ponto de vista prático, as relações empírica e conceptual encontradas entre os factores de NEO-FFI e as dimensões da versão breve do PID-5 – Adultos suportam a premissa da universalidade e continuidade entre as dimensões subjacentes à personalidade normal e patológica (Pires et al., 2017).

CONCLUSÃO

Com o presente trabalho pretendeu-se investigar a relação empírica entre os factores do NEO-FFI (Lima & Simões, 2000) e as dimensões da versão breve do PID-5 – Adultos (Pires et al., 2014), no sentido de contribuir para a produção de literatura nacional, explorando a capacidade da forma breve do PID-5 para se correlacionar com o NEO-FFI.

À data da projecção e desenvolvimento deste trabalho, não existia qualquer investigação nacional publicada referente à versão breve do PID-5, sendo a investigação internacional igualmente escassa. Perto da fase final deste projecto, é finalmente publicado um artigo da autoria de Pires et al. (2018). Posto isto, as hipóteses foram elaboradas com base em estudos que utilizavam a versão completa do PID-5 e o NEO-FFI. Se, por um lado, este processo podia implicar uma maior margem de erro, por outro, tornava o presente estudo ainda mais pertinente. A escolha da população geral, enquanto amostra deste trabalho, constituía outra novidade.

Para o cumprimento destes objectivos, os dados recolhidos foram analisados através da estatística descritiva univariada e da correlação bivariada de Pearson.

Os resultados discutidos na secção anterior corroboram as hipóteses estabelecidas e são coerentes com a literatura na qual se basearem (Cardão, 2016; Helle et al., 2017; Pires et al., 2017). Dada a quantidade de correlações encontradas, mencionam-se apenas as mais fortes, sendo elas: Afectividade Negativa e Neuroticismo; Desprendimento e Extroversão; Desprendimento e Neuroticismo; Antagonismo e Amabilidade; Psicoticismo e Neuroticismo, e Desinibição e Conscienciosidade. A correlação encontrada entre a Abertura à Experiência e o Psicoticismo é consideravelmente humilde. Este resultado, ainda que verificado por outros autores, não é consensual (e.g., Pires et al., 2018).

Se, por um lado, e de acordo com os estudos empíricos, a forma breve do PID-5 parece revelar uma diminuição média dos índices psicométricos (precisão e validade), comparativamente à versão longa e reduzida (e.g., Pires et al., 2018), por outro, a utilidade deste instrumento, de rápida aplicação, ainda está a ser explorada. Alguns autores advertem contra a sua utilização clínica (Pires et al., 2018), outros sugerem-na (Anderson et al., 2018). Precisamente por isso, é necessário prosseguir com as investigações relativas a este instrumento. Nesse sentido, importa aumentar a heterogeneidade das amostras recolhidas

(e.g., nível socioeconómico), a complexidade das análises estatísticas efectuadas, e utilizar outras variantes de operacionalização do FFM, como sendo o NEO-PI-R.

Continua a ser necessário compreender melhor algumas questões, nomeadamente o comportamento conjunto da Abertura à Experiência e do Psicoticismo. Uma vez que os estudos são contraditórios nos resultados encontrados para estas variáveis, é pertinente que continuem os esforços para compreender esta situação (Gore & Widiger 2013; Helle et al., 2017; Pires et al., 2017; Pires et al., 2018; Thomas et al., 2012). Em última análise, trata-se de saber se a convergência teórica, sugerida para os instrumentos que operacionalizam o modelo de traços maladaptativos (e.g., forma breve do PID-5) e o modelo FFM (e.g., NEO-FFI; NEO-PI-R), é encontrada na prática. Só a evidência empírica poderá justificar a adopção de uma perspectiva puramente dimensional na avaliação da personalidade patológica (e.g., Pires et al., 2018).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- American Psychiatric Association. (1952). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders*. Washington, DC: American Psychiatric Publishing.
- American Psychiatric Association. (1968). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (2nd ed.). Washington, DC: American Psychiatric Publishing.
- American Psychiatric Association. (1980). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (3rd ed.). Washington, DC: American Psychiatric Publishing.
- American Psychiatric Association. (1994). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (4th ed.). Washington, DC: American Psychiatric Publishing.
- American Psychiatric Association. (2000). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (4th ed., text rev.). Washington, DC: American Psychiatric Publishing.
- American Psychiatric Association. (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (5th ed.). Washington, DC: American Psychiatric Publishing.
- American Psychiatric Association. (2014). *Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais* (5^a ed.). Lisboa, Portugal: Climepsi Editores.
- Anderson, J. L., Sellbom, M., Salekin, R. T. (2018). Utility of the Personality Inventory for DSM-5-brief form (PID-5-BF) in the measurement of maladaptive personality and psychopathology. *Assessment*, 25(5) 596-607. doi:10.1177/10731911166766889
- Bach, B., Maples-Keller, J. L., Bo, S., & Simonsen, E. (2016). The alternative DSM-5 personality disorder traits criterion: A comparative examination of three self-report forms in a Danish population. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, 7, 124-135. doi:10.1037/per000016
- Barros, A., & Marques, J. F. (1999). Os valores e os “cinco factores” de personalidade. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 34, 29-54.
- Cardão, M. S. (2016). *Relações das Dimensões e Facetas do PID-5 com os Fatores do NEO-FFI numa Amostra Clínica Portuguesa*. (Dissertação de Mestrado,

Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa). Retirado de <http://hdl.handle.net/10451/27549>

- Clark, L. A. (2007). Assessment and diagnosis of personality disorder: Perennial issues and an emerging reconceptualization. *Annual Review of Psychology*, 58, 227-257. doi:10.1146/annurev.psych.57.102904.190200
- Chmielewski, M., Ruggero, C. J., Kotov, R., Liu, K., & Krueger, R. F. (2017). Comparing the dependability and associations with functioning of the DSM-5 section III trait model of personality pathology and the DSM-5 section II personality disorder model. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, 8(3), 228-236. doi:10.1037/per0000213
- Colligan, R. C., Morey, L. C., & Offord, K. P. (1994). The MMPI/MMPI-2 personality disorder scales: Contemporary norms for adults and adolescents. *Journal of Clinical Psychology*, 50, 168-200.
- Combaluzier, S., Gouvernet, B., Menant, F., & Rezrazi (2016). Validation d'une version française de la forme brève de l'inventaire des troubles de la personnalité pour le DSM-5 (PID-5 BF) de Krueger. *L'Encéphale*, 44(1), 9-13. doi:10.1016/j.encep.2016.07.006
- Coolidge, F. L., & Segal, D. L. (1998). Evolution of personality disorder diagnosis in the diagnostic and statistical manual of mental disorders. *Clinical Psychology Review*, 18(5), 585-599.
- Costa, P. T., & McCrae, R. R. (1985). *The NEO Personality Inventory manual*. Odessa, FL: Psychological Assessment Resources.
- Costa, P. T., & McCrae, R. R. (1989). *The NEO-PI/NEO-FFI manual supplement*. Odessa, FL: Psychological Assessment Resources.
- Costa, P. T., & McCrae, R. R. (1990). Personality disorders and the five-factor model of personality. *Journal of Personality Disorders*, 4(4), 362-371.
- Costa, P. T., & McCrae, R. R. (1992a). Normal personality assessment in a clinical practice: The NEO Personality Inventory. *Psychological Assessment*, 4(1), 5-13.

- Costa, P. T., & McCrae, R. R. (1992b). The five-factor model of personality and its relevance to personality disorders. *Journal of Personality Disorders*, 6(4), 343-359.
- Costa, P. T., & McCrae, R. R. (1992c). *The Revised NEO-PI/NEO-FFI Professional Manual*. Odessa, FL: Psychological Assessment Resources.
- Costa, P. T., & McCrae, R. R. (2000). NEO PI-R. Inventário de Personalidade NEO Revisto. Manual profissional. Adaptação de M. P. Lima & A. Simões. Lisboa: CEGOC-TEA.
- Costa, P. T., McCrae, R. R., & Dye, D. A. (1991). Facet scales for agreeableness and conscientiousness: A revision of the NEO Personality Inventory. *Personality and Individual Differences*, 12(9), 887-898. doi:0191-8869/91
- Costa, P. T., & Widiger, T. A. (1994). Personality disorders and the five-factor model of personality. In P. T., Costa & T. A. Widiger (Eds.), *Summary and unresolved issues* (pp. 319-326). Washington, DC: American Psychological Association.
- Costa, P. T., & Widiger, T. A. (2002). Personality disorders and the five-factor model of personality. In P. T., Costa & T. A. Widiger (Eds.), *Introduction: Personality disorders and the five-factor model of personality* (pp. 3-16). Washington, DC: American Psychological Association.
- Costa, P. T., & Widiger, T. A. (2012). *Personality disorders and the five-factor model of personality* (3rd ed.). Washington, DC: American Psychological Association. doi:10.1037/10140-000
- Fossati, A., Somma, A., Borroni, S., Markon, K. E., Krueger, R. F. (2017). The personality inventory for DSM-5 brief form: Evidence for reliability and construct validity in a sample of community-dwelling Italian adolescents. *Assessment*, 24(5), 615-631. doi:10.1177/1073191115621793
- Goldberg, L. R. (1993). The structure of the phenotypic personality traits. *American Psychologist*, 48(1), 26-34.

- Gore, W. L., & Widiger, T. A. (2013). The DSM-5 dimensional trait model and five-factor models of general personality. *Journal of Abnormal Psychology, 122*(3), 816-821. doi:10.1037/a0032822
- Haigler, E. D., & Widiger, T. A. (2001). Experimental manipulation of NEO-PI-R items. *Journal of Personality Assessment, 77*(2), 339-358.
- Helle, A. C., Trull, T. J., Widiger, T. A., & Mullins-Sweat, S. N. (2017). Utilizing interview and self-report assessment of the five-factor model to examine convergence with the alternative model for personality disorders. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment, 8*(3), 247-254. doi:10.1037/per0000174
- Krueger, R. F., Derringer, J., Markon, K. E., Watson, D., & Skodol, A. E. (2012). Initial construction of a maladaptive personality trait model and inventory for DSM-5. *Psychological Medicine, 42*(9), 1879-1890. doi:10.1017/S0033291711002674
- Krueger, R. F., Derringer J., Markon, K. E., Watson, D., & Skodol, A. E. (2013). *The Personality Inventory for DSM-5 Brief Form (PID-5-BF)*. Retirado de: https://www.psychiatry.org/File%20Library/Psychiatrists/Practice/DSM/APA_DS_M5_The-Personality-Inventory-For-DSM-5-Brief-Form-Adult.pdf
- Maples, J. L., Carter, N. T., Few L. R., Crego, C., Gore, W. L., Samuel, D. B., ... Miller, J. D. (2015). Testing whether the DSM-5 personality disorder trait model can be measured with a reduced set of items: An item response theory investigation of the Personality Inventory for DSM-5. *Psychological Assessment, 27*(4), 1195-210. doi:10.1037/pas0000120
- Marôco, J. (2014). *Análise estatística com o SPSS statistics*. (6ª ed.). Pêro Pinheiro: ReportNumber.
- McAdams, D. P., & Pals, L. (2006). A new big five: Fundamental principles for an integrative science of personality. *American Psychologist, 61*(3), 204-217. doi:10.1037/0003-066X.61.3.204
- McCrae, R. R., & Costa, P. T. (2008). Personality disorders and the five-factor model of personality. In P. T., Costa & T. A. Widiger (Eds.), *Introduction to the empirical*

and theoretical status of the five-factor model of personality traits (pp 15-27). Washington, DC: American Psychological Association.

- Millon, T. (1983). *Millon Clinical Multiaxial Inventory manual*. (3rd ed.). Minneapolis: Interpretive Scoring Systems.
- Morey, L. C., Waugh, M. H., & Blashfield, R. K. (1985). MMPI scales for DSM-III personality disorders: Their derivation and correlates. *Journal of Personality Assessment*, 49, 245-251.
- Pereira, A. & Patrício, T. (2016). *Guia prático de utilização do SPSS: Análise de dados para ciências sociais e psicologia*. (8^a ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Pires, R., Ferreira, A. S., & Guedes, D. (2017). The psychometric properties of the Portuguese version of the Personality Inventory for DSM-5. *Scandinavian Journal of Psychology*, 58(5), 468-475. doi:10.1111/sjop.12383
- Pires, R., Ferreira, A. S., & Guedes, D., Gonçalves, B., & Henriques-Calado, J. (2018). Estudo das propriedades psicométricas – formas longa, reduzida e breve – da versão portuguesa do Inventário de Personalidade para o DSM-5 (PID-5). *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación – e Avaliação Psicológica*, 47(2), 197-212. doi:10.21865/RIDEP47.2.14
- Pires, R., Silva, D. R., Fagulha, T., & Gonçalves, B. (2014). Versão experimental portuguesa do PID-5 – Adultos (Versão completa). *Tradução e adaptação para a população portuguesa autorizada pela Climepsi Editores detentora dos direitos para a língua portuguesa – Portugal e PALOP do DSM-5 da American Psychiatric Association*. Centro de Investigação em Ciência Psicológica. Universidade de Lisboa. Portugal.
- Pires, R., Silva, D. R., Fagulha, T., & Gonçalves, B. (2014). Versão experimental portuguesa do PID-5 – Adultos (Versão breve). *Tradução e adaptação para a população portuguesa autorizada pela Climepsi Editores detentora dos direitos para a língua portuguesa – Portugal e PALOP do DSM-5 da American Psychiatric Association*. Centro de Investigação em Ciência Psicológica. Universidade de Lisboa. Portugal.

- Strack, S. (1987). Development and validation of an adjective checklist to assess the Millon personality types in a normal population. *Journal of Personality Assessment*, 51, 572-587.
- Thomas, K. M., Yalch, M. M., Krueger, R. F., Wright, A. G., Markon, K. E., & Hopwood, C. J. (2012). The convergent structure of DSM-5 personality trait facets and five-factor model trait domains. *Assessment*, 20(3), 308-311. doi:10.1177/1073191112457589
- Trull, T. J., & Durrett, C. A. (2005). Categorical and dimensional models of personality disorder. *Annual Review of Clinical Psychology*, 1, 355-380. doi:10.1146/annurev.clinpsy.1.102803.144009
- Trull, T. J., & Widiger, T. A. (2013). Dimensional models of personality: The five-factor model and the DSM-5. *Dialogues in Clinical Neuroscience*, 15(2), 135-146.
- Wiggins, J. S., & Pincus, A. L. (1989). Conceptions of personality disorders and dimensions of personality. *A Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 1(4), 305-316.
- Widiger, T. A., & Frances, A. J. (1994). Personality disorders and the five-factor model of personality. In P. T. Costa & T. A. Widiger (Eds.), *Toward a dimensional model for the personality disorders* (pp. 19-40). Washington, DC: American Psychological Association.